

COMUNICAÇÕES ORAIS - RESUMO SIMPLES - GT 3 - EDUCAÇÃO
LINGUAGENS E SABERES INTERCULTURAIS NAS TERRITORIALIDADES
AMAZÔNICAS

**PEDAGOGIA DAS VIVÊNCIAS: O QUE TEMOS A APRENDER COM AS
PRÁTICAS E SABERES ECOLÓGICOS DE PESCADORES EM REGIÃO DE
MANGUEZAL DO LITORAL NORDESTE DO PARÁ?**

Gamaliel Tarsos De Sousa (gamaliel.tarsos@gmail.com)

Marilena Loureiro Da Silva (marilenals@ufpa.com)

Vitória Silva De Sousa (svitoriatarsos@gmail.com)

O trabalho faz reflexões sobre a necessidade de entendimentos mais abrangentes relativos aos saberes construídos e utilizados pelos grupos humanos, moradores de comunidades tradicionais, inseridos em áreas de Reservas Extrativistas Marinhas, localizadas na faixa litorânea do nordeste do Estado do Pará, dentro dos municípios de Bragança e Viseu, Amazônia brasileira. Entendendo que esse cabedal de conhecimentos acumulados, ao longo de gerações, por essas populações e sistematizados pela prática cotidiana e a oralidade podem ser interpretados como epistemologias marginais, sob o ponto de vista do conhecimento colonizador, mas que têm capitalizado ganhos significativos para essas populações que vem sobrevivente nesses ambientes, onde predomina o ecossistema manguezal, de forma equilibrada, há séculos. O trabalho tem cunho qualitativo, com pesquisa de campo, onde foram aplicados questionários abertos e entrevistas semiestruturadas, tendo como informantes 50 agentes sociais, maiores de 18 anos, trabalhadores do mar e do manguê, possuidores de notórios saberes,

imprescindíveis para suas sobrevivências e na manutenção do equilíbrio ambiental de suas respectivas Unidades de Conservação. Observou-se que o lastro de domínio intelectual, adquirido na prática, aqui nominados de “Saberes Ecológicos Locais” e que servem de fio condutor para as ações desses grupos humanos, que por se relacionarem e manterem respeito equacionado com a natureza, ganha relevância nesse momento histórico, pelo fato de se mostrarem eficientes e de baixo poder ofensivo sobre o meio ambiente. Finalmente, o trabalho permite-nos refletir sobre a validade e assertivas contidas no pensamento holístico dos povos tradicionais sobre o modo como pensam e agem sobre a natureza. Sendo essa, uma epistemologia plausível que pode fazer frente, somar ou contestar outras formas de conhecimentos que se têm apresentado como única fonte validadora de verdade. Daí a necessidade dos “outros” intelectuais e campos de conhecimentos, permitirem e reconhecerem a relevância das epistemologias subalternas, marginalizadas e encobertas pela grande linha abissal.